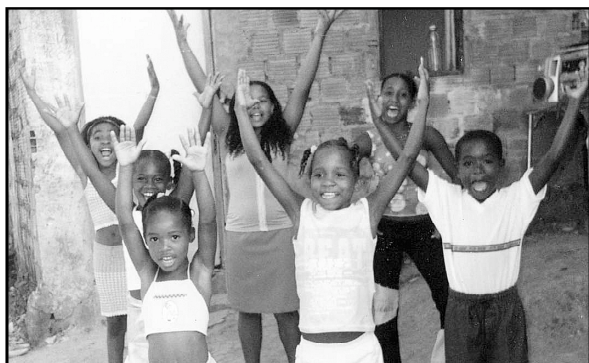


# As cores que mudam com o tempo

MARCOS COUTINHO, RODRIGO GAMEIRO E THIAGO GOMIDE



*No futuro, a maioria delas não usará roupas coloridas*

**M**ila ama o rosa. Luca, o verde e o vermelho, por causa do Fluminense, seu time de futebol. Sophia, o amarelo. E Mariano, o preto. O que parece o começo de um poema é a real preferência destes personagens nas cores. E o que mais diferencia os quatro é a idade. Mila é uma menina de cinco anos, irmã de Luca, que completará nove somente em agosto de 2007. Sophia, um pouco mais velha, tem 12, mas parece ter bem menos. E, por fim, Mariano, que trabalha como porteiro no prédio Marimbá, no Flamengo, Zona Sul do Rio de Janeiro, onde os três moram, tem 61 anos.

Caso você, leitor, tivesse que escolher um dos quatro exemplos para tentar explicar o motivo da cor preferida, qual elegeria? Luciana Leite, 20 anos, estudante de Comunicação das Faculdades Integradas Hélio Alonso, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, acha mais fácil entender o menino Luca, pois ele relaciona as cores prediletas ao clube de futebol, esporte que é paixão nacional. Já a aposentada Esperança Almeida, de 78 anos, acha que o mais óbvio é a escolha do porteiro Mariano. “A maioria das pessoas adultas prefere o preto, é mais chique. Não existe quem fique feio com esta cor. Quando o Luca crescer sairá vestido de cor negra, sem dúvida”, afirma Esperança.

A psicopedagoga e vice-diretora da escola Notre Dame, no Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio de Janeiro, Beatriz Coelho de Sousa, explica que as duas entrevistadas estão certas, já que quando criança, ligamos nossas preferências a ídolos, a mitos, e ao ficarmos adultos, buscamos símbolos que nos integrem ao nosso grupo: “Não é por acaso que marcas como Sandy e Junior ou Xuxa são garantias de sucesso no mercado infantil”.

## Parabéns pra você, muitas cores de vida!

Era aniversário de uma criança no prédio. Pipoca, cachorro-quente, gritaria peculiar e música infantil no *play*. Desde muito tempo, quando essas datas chegam, todos os moradores são convidados para uma confraternização. E nós, fomos conferir as preocupações nas vestimentas e nas atitudes dos pais e das crianças. A cena era clássica: crianças correndo e os pais, revezando-se em berros e broncas baixinhas, conversavam praticamente ao pé do ouvido.

Luca, o menino que gosta de verde e vermelho, foi vestido de azul. Ao ser perguntado o porquê de estar arrumado com aquela cor, ele respondeu, ingênuo (grande vantagem das crianças): “Minha mãe que escolheu. Ela acha que eu fico bonito assim”. A mãe, a dona de casa Luiza Sarecení, 37 anos, estava vestida de preto dos pés à cabeça e discordou. Ela disse que o filho quis se vestir daquela maneira. Porém, a impressão que se passava é que 70% dos meninos tinham escolhido o azul.

Mila, a irmã que ama o rosa, foi com a roupa que ela acha mais bonita: “esse vestido rosa é lindo, foi minha vovó Suzana que me deu”. Após o comentário da filha, Luiza Sarecení não desperdiçou a oportunidade de ressaltar que os filhos têm livre arbítrio na escolha das roupas. A psicopedagoga Beatriz Coelho de Sousa assiste esta cena com bastante naturalidade, pois acredita que a mãe real-

mente possa não ter influenciado a opção dos filhos. “Antigamente, os pais iam a uma loja, compravam as roupas dos filhos e não tinha mais muito papo. A criança tinha que usar aquilo e ponto final. Porém, atualmente, a realidade é outra: o mercado abriu as portas para o consumo infantil e as crianças tomam posição do que gostam e do que não querem”.

As crianças estavam, em sua maioria, vestidas com roupas vivas e extravagantes. Um dado importante é que das 40 crianças presentes, somente cinco usavam as cores preta ou branca. Ou seja, aproximadamente 12% delas, enquanto os adultos, em grande maioria, apesar de ser uma festa infantil, conseguiram alcançar o número de 84% usando preto ou branco, praticamente o inverso das crianças.

A paulista Glórinha Kalil, uma das mais famosas comentaristas de moda do Brasil, não se cansa de dizer que é preciso somente sete roupas básicas em uma mala feminina: “um vestido preto, uma saia preta, uma blusa branca, um jeans, uma camiseta branca e outra preta e um blazer preto”. Repararam que, geralmente, não existe outra cor além do preto ou do branco? Pois é, parece que, ao crescermos adotamos essas duas cores como favoritas. O estilista mineiro Eduardo Suppes ainda tenta explicar o motivo de trocarmos as cores vibrantes e chamativas da infância. “O preto e o branco são uma influência antiga, de Yves Saint-Laurent, que foi revisitada pela Maison Lanvin recentemente. Surgiu da alfaiataria e da moda masculina e se tornou um clássico da elegância.

Não podemos nos esconder disso. Não existe erro com essas duas cores”.

“A verdade é que buscamos cores neutras, por causa de um mercado segregacionista e preconceituoso. Não querem fugir do padrão estereotipado. Com uma tentativa de se alterar os costumes, corremos o risco de perder até o emprego. E, nos dias de hoje, não é nada legal ficar arriscando o que anda em falta”, diz Beatriz. O advogado João Fernandes Barcellos concorda com a psicopedagoga e ainda completa: “não pegaria nada bem entrar no escritório vestido com uma camisa social rosa, por exemplo. Tenho certeza que seria caçoado pelos meus colegas e, principalmente, meu cliente não teria respeito por minha pessoa. Terno e gravata são fundamentais na minha profissão”.

Esse comentário deixa muito claro o que algumas pessoas passam ao virarem páginas de suas vidas: perdem a criança interior e se tornam auto-censuras. Beatriz se compara ao porteiro Mariano, que gosta de se vestir de preto, e diz que é comum o advogado João querer usar terno e gravata, por mais que trabalhe no Rio de Janeiro, uma cidade litorânea, com média de temperatura altíssima. “O meio que o João vive é esse: pessoas bem arrumadas, que ligam a capacidade, a intelectualidade ao jeito de se vestir. E não ache que são somente as pessoas do trabalho não. Os clientes também. Ao buscamos um serviço, gostamos que o atendente nos sirva com roupas neutras. Nossa sociedade é cheia de convenções e é complicado reverter esse quadro”, opina Beatriz.

## A cor do pensamento

*Antes de escolher a sua roupa, saiba o que as pessoas pensam sobre as cores.*

**Cinza:** elegância, humildade, respeito, reverência, sutileza;

**Vermelho:** paixão, força, energia, amor, velocidade, liderança, masculinidade, alegria perigo, fogo, raiva, revolução, “pare”;

**Azul:** harmonia, confiança, conservadorismo, austeridade, monotonia, dependência, tecnologia;

**Ciano:** tranquilidade, paz, sossego, limpeza, frescor;

**Verde:** natureza, primavera, fertilidade, juventude, desenvolvimento, riqueza, dinheiro, boa sorte, ciúmes, ganância;

**Amarelo:** concentração, otimismo, alegria, felicidade, idealismo, riqueza, fraqueza;

**Magenta:** luxúria, sofisticação, sensualidade, feminilidade, desejo;

**Violeta:** espiritualidade, criatividade, realeza, sabedoria, resplandecência;

**Amaranjado:** energia, criatividade, equilíbrio, entusiasmo, ludismo;

**Branco:** pureza, inocência, reverência, paz, simplicidade, esterilidade, rendição;

**Preto:** poder, modernidade, sofisticação, formalidade, morte, medo, anonimato, raiva, mistério;

**Castanho:** sólido, seguro, calmo, natureza, rústico, estabilidade, estagnação, peso, aspreza.

## O desafio de ser diferente

Imagine você entrar em um hospital e encontrar todos os médicos vestidos de verde limão. Qual seria sua reação? Beatriz acredita que seria de total espanto. Porém, será que o serviço seria de pior qualidade? Se o advogado João vestisse uma camisa social em vez de terno e gravata, ele seria inferior aos outros? Provavelmente não. A explicação está na influência dos agentes de referência, do ambiente de convivência e da visão externa.

Segundo Beatriz, colocar uma roupa extravagante não é para qualquer um. Não que isso seja um desafio complicado ou arriscado, mas nem sempre as pessoas estão confiantes para quebrar barreiras, deixar de lado os comentários alheios. O advogado João sofre com isso.

“Pessoas vestidas de cores escuras, principalmente o preto transmitem *status* e sofisticação”. Assim é que Carlos Cox, diretor do departamento de Marketing da Acrilex América Latina e pós-graduado em psicologia do consumo, indica sua opinião sobre a preferência dos adultos pela cor negra. Ele defende que as cores são uma maneira de expressão. Segundo Carlos, é atrás de uma idéia de ascensão social, segurança e sofisticação que os tons escuros acabam se afirmando. Um mundo de aparências desenhado pelas cores escuras.

Para a fotógrafa Mercedes Barbosa, o preto é a cor que nos permite projetar pensamentos. É uma cor que não reflete nada por si só, então deixa a pessoa imaginar. “É por isso que fotografias sombreadas são mais sedutoras, a sombra é um espaço a ser completado”, completa Mercedes.

Ao explicar a sua preferência pela cor preta, o porteiro Mariano da Cruz foi sucinto: “não tenho mais idade para usar cores chamativas. Além do mais, sou pobre, não tenho dinheiro para entrar na moda, comprar roupas de grife, por isso o preto me deixa ligado ao bom gosto, sei que estou chique a um preço bem popular”.

A cor preta, que é a soma de todas as cores da aquarela, também é uma fuga para quem quer entrar na moda sem gastar muito. Glorinha Kalil, pelo menos, defende com unhas e dentes essa idéia. E um dos motivos apresentados pelos especialistas de moda, é a relação de custo-benefício. Com essas vantagens, o branco e o imortal pretinho básico não saem do armário da consultora de moda Glorinha Kalil, do porteiro Mariano, da atriz Juliana Paes, do atacante de futebol Edílson, do diretor Carlos Cox, da fotógrafa Mercedes Barbosa, e de 84% das pessoas que foram na festa de aniversário no prédio. Se tivéssemos escrito um poema, o final seria que tudo acaba no branco e preto. ☯

## Mariano, o homem de branco que é fã do preto



Ele limpa, arruma, retira o lixo, brinca de bola com as crianças, cuida da portaria, mas se veste de branco.

Existe alguma coisa que está fora da ordem? É exatamente esta a reclamação do porteiro Mariano da Cruz, de 61 anos. Ele não se conforma de não poder usar o preto ou até uma cor mais escura, que não mostre tanto as sujeiras do dia a dia. E também, por que não, estar se sentindo mais a rumado trabalhando? “Não me julgue errado, mas é chato trabalhar com uma camisa branca. Suja toda hora. Tenho sempre que pas-

sar um paninho para limpar a sujeira. Isso sem contar a feiúra, que é lamentável”.

A aposentada Esperança Almeida, síndica do prédio, discorda da opinião do empregado e ainda afirma que ele só quer usar um uniforme escuro para estar dentro da moda: “Eu não entendo esse rapaz. Ainda vou mandar fazer uma roupa bem chamativa para ver se ele gosta. Ele tem que compreender que todo lugar de trabalho pede uma determinada roupa”.

Mariano, que trabalha a 25 anos no condomínio, tem que se contentar com a posição da síndica. Mas, quando abrimos o armário do porteiro, não podemos deixar

de constatar: muitas camisas pretas para poucas e separadas brancas. E é bom deixar claro: camisas pretas passadas, que só saem rumo ao corpo. Sexta é dia de forró na Feira de São Cristóvão, passeio predileto de Mariano. Quando perguntamos por que ele não vai de verde ou amarelo para chamar mais atenção, ele, como sempre, responde fagueiro: “para quê? Sucesso mesmo eu faço com preto”.

E vai ele dançar até ter que vestir novamente o branco, arrumar, limpar, cuidar da portaria e brincar com as crianças, que se vestem de verde, vermelho, rosa e amarelo.